

Encontro discute solução

Profissionais da área conhecerão os planos dos candidatos à Presidência da República para o setor e debaterão sua sustentação como possível programa de governo

A saúde nacional enfrenta hoje a pior crise de sua história. O sistema de atendimento funciona precariamente, é emperrado e não tem qualquer compromisso com políticas públicas, segundo avaliação do professor do Instituto de Estudos Avançados (IEA) da Universidade de São Paulo (USP), José da Rocha Carneiro, organizador do debate Saúde em Crise — Perspectivas no Novo Governo, que será realizado amanhã (veja quadro).

Por isso, mais do que conhecer os planos de campanha que os diversos candidatos à Presidência da República estão apresentando para a saúde, é preciso sentir se há sustentação para transformá-los em programas de governo que possam resolver a crise. Esta é a principal proposta do encontro em que estarão reunidos profissionais da área. Embora não representem candidaturas, são e serão vozes muito ouvidas na formulação de políticas de saúde para 95. Em entrevista à repórter Rosa Luiza Baptistella, Carneiro, diretor do Instituto de Saúde da Secretaria Estadual de Saúde, afirmou que há muita semelhança nas intenções expressas nas campanhas de todos os candidatos.

Muito parecido em todas as candidaturas. Talvez porque não pegue bem dizer que se é contra o texto constitucional, considerado um dos mais avançados do mundo, todas as tendências apregoam a defesa do SUS e da municipalização, por meio da descentralização de saúde. É uma bandeira quase unânime dos candidatos. Só que são planos de campanha. Caberá ao candidato eleito e sua equipe promover o salto entre o plano de campanha e o programa de governo.

Estado — O discurso pode não se sustentar no plano de governo?

Carvalho — Não estamos chamando para este debate representantes de candidaturas, mas pessoas que são expressões de correntes de pensamento na área de saúde que, num passado recente ou mesmo na atualidade, tiveram papéis políticos. São atores políticos e intelectuais da

área da saúde. Acredito que neste sentido, a concretização dos planos de governo será diferente dos discursos genéricos de campanha. Se os municípios não forem vistos como entes federativos, que possam assumir de fato as políticas municipais de saúde por meio de seus fundos e conselhos de saúde, o SUS não se viabilizará.

**OS
PROGRAMAS
SÃO
MUITO
PARECIDOS
EM TODAS AS
CANDIDATURAS**

Estado — Qual o objetivo deste debate?

José da Rocha Carneiro — É um momento importante da vida do País porque vamos ter mudanças nas administrações estaduais e federal. Essas mudanças ocorrem quando ainda se discute a reforma constitucional. As propostas dos diversos candidatos falam num congresso revisor especial, tentativas de reduzir o quórum para que o Congresso que vai ser eleito possa rever a Constituição e a área da saúde, juntamente com a assistência social e previdência social. Quando se fala em mudanças constitucionais há uma preocupação intensa nos setores ligados à saúde em relação ao que possa acontecer no novo governo federal, já que a nova proposta do Sistema Único de Saúde (SUS) é parte integrante da Carta brasileira e terá de ser implantado por via de negociação política entre as três esferas governamentais.

Estado — O evento tornará mais claras as propostas dos candidatos?

Carvalho — Na área da saúde há uma coisa curiosa. Tudo o que aparece nos programas impressos e nas entrevistas dos candidatos é

Estado — Então, a reforma tributária é o ponto de partida para esta questão?

Carvalho — A reforma tributária e os mecanismos de votação da Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO). Uma coisa curiosa seria verificar como os partidários das diversas candidaturas vão se posicionar na votação da LDO. A expectativa é de que, num debate desta natureza, possam aflorar tais questões até porque numa parte da discussão se tentará demonstrar como sair do nível do discurso para um mergulho na essência do que é possível.

Estado — A saúde nacional está passando pelo seu pior momento?

Carvalho — Existem hoje dois SUSs: um que está na UTI e outro, no berçário. O SUS que está na UTI passa pela pior crise que já assistimos. Aquele que está no berçário é o verdadeiro SUS, com o qual sonhamos, que está inserido na Constituição. O SUS que não queremos mais é o da corrupção, das fraudes, da mercantilização excessiva, dos superfaturamentos, das mazelas, do péssimo atendimento. O SUS que desejamos tem de ser amparado para que cresça com algum vigor.

FICHA DO DEBATE

Veja a programação do evento que pretende influenciar na formulação de políticas de saúde para 1995

Tema	Saúde em Crise - perspectivas no novo governo
Data	30 de agosto, das 9 às 18 horas
Local	Sede do Instituto de Estudos Avançados, Cidade Universitária
Patrocínio	Universidade de São Paulo (USP) Instituto de Estudos Avançados (IEA) Faculdade de Medicina (FM) Escola de Saúde Pública (ESP) Escola de Enfermagem (EE) Organização Pan-Americana de Saúde (Opas) Instituto de Saúde da Secretaria Estadual de Saúde de São Paulo
Abertura	Reitor da USP, Flávio Fava de Moraes Secretário estadual de Saúde de São Paulo, Cármino Antônio de Souza Diretor do Inst. Economia e Administração (IEA), Umberto G. Cordani Representante da Opas/OMS, David Tejada de Rivero
Apresentações	Reitor da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), Hésio Cordeiro Professor da Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP), deputado federal Sérgio Arouca (PPS/RJ) Cardiologista Adib Jatene, professor da FMUSP Professor da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Nelson Rodrigues dos Santos
Debate e convidados	Empresário Antônio Ermírio de Moraes Representante da Opas, David Tejada de Rivero Professor da FEA/USP, Hélio Zylberstajn Representante da Opas, Antonio Pagés Professor do IEA/USP, José da Rocha Carneiro Diretora da EE, Tamara Cianciarullo Diretor da FSP, Arnaldo F. Siqueira
Objetivos	Propiciar um espaço de discussão entre diferentes correntes de pensamento que compõem o cenário eleitoral de 94, que deverão influenciar na formulação de políticas de saúde para 1995 Identificar pontos de consenso que contribuam para a preparação do programa de governo. Estabelecer as bases para um processo de análise continuada de conjuntura da saúde no País.

para crise na saúde